

## Adélia Prado e a literatura infantil: escrita, memória e cotidiano escolar

CLÁUDIA RIBEIRO RODRIGUES

Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
e-mail: claudiarprof9@gmail.com

EDSON SANTOS DE OLIVEIRA

Doutor em Letras pela UFMG. Professor do Mestrado Profissional da FALE,  
da Universidade Federal de Minas Gerais. e-mail: edson-so@uol.com.br



### 1. INTRODUÇÃO

**E**m entrevista à *Revista Época*, ao ser perguntada pelo jornalista Guilherme Ravache se tinha projetos para escrever outros livros para crianças, Adélia Prado responde que “espera o livro aparecer para chamá-la, como as moças antigas esperando um namorado, desejando muito ser conquistadas” (Prado 2006). Essa postura de “esperar um livro” e de “ser convidada por ele” aponta para a espontaneidade no ato de escrever, espontaneidade que está presente na descrição do cotidiano, na presença do humor, nas vivências da infância no interior, tudo isso combinado com uma narrativa extremamente poética, em que escrita e vida se misturam sem aquele didatismo que infelizmente ainda é encontrado em algumas obras infantis. É nessa linha que surgiram os livros *Quando eu era pequena*, publicado em 2006, e *Carmela vai à escola*, em 2011, destinados a crianças (e também a adultos).

De acordo com Clark (2007), no Brasil, a literatura destinada a crianças foi implantada no início da República, no século XIX. O novo regime político tinha o intuito de se apresentar como uma nação preocupada com a educação infantil; no entanto, conservava a visão europeia da criança como ser imaturo que precisa ser direcionado para se tornar um adulto “normal”, um patriota a serviço da humanidade. Essa situação só começou a mudar com as publicações de Monteiro Lobato, que se revelou preocupado em escrever histórias para o público infantil numa linguagem compreensível e atraente, porém sem subestimar o potencial das crianças, pois acreditava que elas são capazes de construir o conhecimento através da ficção.

Algumas décadas após Lobato, depois de mais de 30 anos como escritora

dedicada aos adultos, Adélia Prado escreveu seu primeiro livro de literatura infantil seguindo a mesma linha do criador de *Reinações de Narizinho*. Em 2006, lançou *Quando eu era pequena*, cuja protagonista é Carmela, *alter ego* da autora, que relata suas vivências de infância recriadas pela ficção. O enredo é ambientado na cidade de Divinópolis, Minas Gerais, nos primeiros anos da década de 40, em plena Segunda Guerra Mundial. O livro conta a história delicada e poética de Carmela, que vive com seus pais, Armando e Clotilde, seus irmãos, Alberto e Célia, e seu Vovô da Horta. Carmela narra seus momentos de felicidade como tomar guaraná pela primeira vez, ver a galinha Pintada aparecer com uma ninhada de pintinhos ou ainda ouvir a mãe cantando ao fazer o jantar. Relata também os momentos de tristeza que sentiu quando, por exemplo, sua família deixou de morar com o Vovô da Horta ou quando ela teve seu primeiro contato com a morte ao ver duas pessoas “ofendidas de raio” (Prado, 2012, p. 18) e também ao assistir ao velório de sua tia Severa.

Em 2011, Adélia Prado lançou seu segundo livro infantil, *Carmela vai à escola*. Seguindo a linhagem da obra anterior, a personagem Carmela relembra sua entrada para a escola aos sete anos. A história agora é ambientada no Grupo Escolar Padre Matias Lobato, onde Carmela estudou. Nos fragmentos da memória, surgem as professoras, principalmente a de Ensino Religioso, os coleguinhos, o cheiro da merenda do colégio, os livros que leu nesse período, a alegria e o orgulho de seus pais ao vê-la estudar e tirar boas notas, a leitura do discurso de formatura. Para a personagem, a escola era o melhor lugar do mundo.

Quando se conhece a biografia de Adélia Prado, ao ler suas histórias infantis, somos tentados a associá-las às narrativas autobiográficas. Há uma tendência, às vezes perigosa, em associar personagens de obras construídas em forma de memórias com a vida do autor. No caso da obra de Adélia, diríamos que há ressonâncias entre a vida da escritora e a personagem Carmela, mas não podemos dizer que existe uma coincidência entre o vivido e o imaginado. A própria autora, em entrevista concedida a Ubiratan Brasil, do jornal *Estadão*, ao ser questionada se ela usa a personagem Carmela para contar sua história, admite:

Sim, como toda e qualquer obra, não apenas literária. É impossível escrever a partir do nada. Falamos de nós mesmos quando falamos do mundo ou do outro. A obra é espelho, para mim em primeiro lugar, mas, como apenas memória não faz literatura, espero, então, que *minhas lembranças estejam transfiguradas no livro* e possam ser também as memórias de qualquer outra criança (Prado, 2015, grifo nosso).

Como afirma a autora, a obra não é uma reprodução direta da vida do escritor, mas uma recriação. São “lembranças transfiguradas”. Desse modo, toda autobiografia tem uma boa pitada de ficção, uma vez que somos atravessados pela linguagem. Além disso, a memória não é mera reprodução do passado, mas recriação dele. Recordar é trair o passado, reinventá-lo pela imaginação.

## 2. MEMÓRIA, INACABAMENTO E REINVENÇÃO

Desde o primeiro livro de Adélia, *Bagagem*, o significante “fragmento” é constante em seus textos, como se pode perceber em poemas como “Mosaico”, “Dona doida”, “Fragmento” e outros. É natural que seja assim, uma vez que a memória é por natureza fragmentada, já que o passado nunca vem na sua inteireza. Esses retalhos de lembranças continuam em obras posteriores da autora. Quem escreve tenta costurar os farrapos do que se foi. O processo de rememoração, composto desses recortes do passado, é por natureza inacabado, como se pode perceber numa frase de *Carmela vai à escola*: “Quase esqueço de contar” (Prado, 2014, p. 10). Lembrar supõe um esquecimento: esquecer para lembrar e lembrar para esquecer. Quem se lembra, rasura, apaga, corta e recorta, coloca novos retalhos no tecido do lembrado, ressignificando-o a cada vez que recorda, possibilitando nova leitura e novo olhar do que passou.

Nos livros “infantis” de Adélia, como em outras obras de memória envolvendo a infância, há um narrador adulto, situado no tempo da enunciação, que faz um balanço das lembranças, embaralhando-as, já que ao se lembrar de alguns fatos, esquece outros, filtrando e recriando o passado. Por outro lado, no tempo do enunciado, encontramos a personagem infantil, Carmela, que age no passado a partir da avaliação desse narrador. Dessa forma, é natural que as lembranças da infância venham misturadas com impressões do narrador adulto no instante em que escreve, já que no processo de memória, enunciado e enunciação ora se fundem ora se distanciam: “Estou misturando lembranças de um ano com outro; mas lembranças não fazem fila, vêm do jeito que querem” (Prado, 2014, p. 12). Há, pois, no ato de lembrar uma descontinuidade: o ocorrido no enunciado é filtrado na enunciação pelo narrador adulto que corta e acrescenta novos dados na escrita a partir de suas experiências narradas numa constante relação dialética entre o esquecer e o lembrar.

Nessas memórias embaralhadas de um narrador, que volta ao passado e faz avaliações no presente da enunciação, há também uma memória coletiva enfocando principalmente a escola, a família, o dia a dia da comunidade interiorana. O passado infantil é assim revisitado, mas com a experiência que esse narrador adulto tem do presente.

Entre o esquecido e o lembrado, Adélia nos mostra a relação entre memória e fantasia. Recordar é deformar, reinventar o passado. Seus livros dedicados a crianças, ao puxar os fios do passado, estão em perfeita sintonia com a percepção “infantil”, fazendo-nos lembrar das reflexões do filósofo Vico:

Nas crianças é vigorosíssima a memória; portanto, vívida até o excesso a fantasia, que nada mais é do que memória ou dilatada ou composta; [...] a memória é igual à fantasia [...] memória, enquanto relembra as coisas; fantasia, enquanto as altera e contrafaz; engenho, enquanto as contorna, combina e ordena (Vico, *apud* Bosi, 1977, p. 207).

O pensador italiano ainda mostra que o trabalho da poesia consiste em ver o mundo como a criança, isto é, em brincar com as coisas inanimadas como se fossem seres vivos. Poderíamos acrescentar que ser poeta supõe também perceber a realidade como a criança, como se fosse pela primeira vez, e nesse olhar, é natural antropomorfizar as coisas, desafiando a razão:

O trabalho mais sublime da poesia é dar senso e paixão às coisas sem sentido, e é próprio das crianças tomar as coisas inanimadas entre as mãos e, brincando, falar-lhes como se fossem pessoas vivas” (Vico, *apud* Bosi, 1977, p. 206).

Duarte (2007), ao fazer reflexões sobre a literatura infantil, afirma que o objetivo da arte literária é divertir, encantar, proporcionar prazer. Assim, a boa literatura deve, juntamente com o encantamento, priorizar a linguagem, a imaginação, a contradição, o estranhamento. Quando alguns autores usam o texto literário para fins meramente utilitários, reduzem e descaracterizam a literatura, que perde boa parte de sua criatividade e estranhamento. Ainda segundo a pesquisadora, o que importa em um texto literário não são as informações, mas o modo como são veiculadas e o prazer que proporcionam:

Se o objetivo da arte literária, entretanto, é divertir, emocionar, dar prazer, provocar lembranças, estabelecer diálogos, a literatura infantil, mais ainda, deve ser o lugar onde se valoriza a linguagem e a imaginação, deixando de lado o que é objetivo e científico, para trabalhar com a contradição e o estranhamento (Duarte, 2007, p. 17).

Em *Quando eu era pequena*, o título da narrativa já deixa claro para o leitor que se trata de um texto de memórias, como se pode constatar no tom confessional através do uso da primeira pessoa (eu), na utilização do adjetivo (pequena), no emprego da conjunção temporal (quando) e de um tempo passado, inacabado, representado pelo pretérito imperfeito (era). São narrados, de forma não linear, episódios corriqueiros da vida da narradora-autora, porém de forma extremamente poética, num clima de espontaneidade na certeza de que quando se recorda, há sempre perda, já que o passado nunca é esgotado plenamente no ato da recordação. Na última página do livro, aparece uma explicação:

Em um livro não cabe tudo. Não falei de minhas brigas com Alberto nem das brincadeiras com meu primo Benedito. Quem sabe *posso escrever outro* para contar essa parte? Porque eu gosto muito de contar e *ler alto* para as pessoas, igualzinho meu pai (Prado, 2012, p. 32, grifos nossos).

## 3. ESTILHAÇOS DO COTIDIANO ESCOLAR

Adélia escreveu um livro de prosa, *Cacos para um vitral* (Prado, 2006), texto de memórias em que a autora constrói um vitral de palavras ao retratar as particularidades do interior brasileiro através de flashes envolvendo o miúdo da vida: retalhos de memória, experiências familiares, atividades religiosas, bilhetes, conversas de compadres e comadres, tudo isso tecido com cheiros e cores do cotidiano. A prosa de Adélia, sendo poesia e memória, é resultado de uma subjetividade que se insere no coletivo, numa universalidade, na esteira do que propõe o poeta itabirano ao mostrar a relação entre poesia e resíduo: “Se de tudo fica um pouco,/ mas por que não ficaria/ um pouco de mim? no trem que leva ao norte, no barco,/ nos anúncios de jornal,/ um pouco de mim em Londres,/ um pouco de mim algures?/ na consoante?/ no poço?” (Andrade, 1945, p. 71).

Em um fragmento de entrevista da autora, inserido na orelha do livro *Cacos para um vitral*, há um trecho em que a autora estabelece uma conexão entre o particular e o universal: “Eu só tenho o cotidiano e meu sentimento dele. Não sei de alguém que tenha mais. O cotidiano em Divinópolis é igual ao de qualquer lugar do mundo, só que vivido em português” (Prado, 2006). Adélia consegue assim tirar da pedra do cotidiano ouro refinado:

O cotidiano é minha matéria-prima, pedra onde garimpo não só o ouro, mas a própria pedra. Se a poesia é experiência? Sim. Doutra modo não seria a linguagem que a torna “a linguagem por excelência”. E para mim é experiência no mesmo sentido da experiência religiosa. Ambas pedem o especialíssimo verbo poético que lhe constitui a própria carne (Prado, 2006, orelha do livro).

Retratando o cotidiano escolar, nesses dois textos “infantis” de Adélia – *Carmela vai à escola* e *Quando eu era pequena* – encontramos situações de sala de aula que estão presentes ainda em muitas escolas do interior brasileiro, mas que são ressignificadas graças à criatividade da autora ao colocar em cena o fazer pedagógico das professoras de seu tempo. Merecem destaque duas táticas utilizadas pelas professoras, na sala de aula, as quais demonstram uma capacidade de driblar e contornar situações embaraçosas. Dois trechos do livro *Carmela vai à escola* merecem releitura. O primeiro é a refinada tática encontrada pela professora Matilde Álvares, no início da década de quarenta, para contornar as inquietações de um aluno:

[...] Quase esqueço de contar que mexia virava Dona Matilde, pra descansar do Marcantônio, fingia que tinha esquecido alguma coisa em casa e mandava ele buscar. Ele achava uma beleza e o resto do mundo ótimo. Mas durava pouco o sossego porque ele ia e voltava feito um corisco. Era filho de gente muito importante. Eu

toda a vida achei que o Marcantônio queria sempre estar em outro lugar e por isso não sossegava (Prado, 2014, p. 10-11).

Para um menino hiperativo, sair da sala de aula era ótimo, pois, usando um paradoxo, essa “fuga permitida” lhe dava um certo relaxamento sem contar algum sossego a seus colegas e, evidentemente, à professora. A tática utilizada pela mestra, ao “fingir esquecer alguma coisa em casa”, poderia ser, numa avaliação apresada, uma prática seletiva da professora, ao poupar o conflito com o aluno, membro da aristocracia local, insinuando uma tácita aliança entre a escola e as elites da época; no entanto, não podemos deixar de notar nesse gesto uma postura criativa da educadora, ao permitir a saída de um aluno inquieto, desafiando a norma oficial escolar, que obrigava o estudante a ficar agarrado à sala de aula. Trata-se de um modo salutar de conviver com as diferenças dos alunos sem cair no autoritarismo escolar. Sem entrar em confronto com o menino Marcantônio e ao mesmo tempo tentando reeducá-lo, a professora conseguiu driblar a repressão da diretoria da escola que, se consultada, provavelmente daria ao garoto algum tipo de castigo ou seria indiferente à “fuga” do aluno para não entrar em conflito com a importante família da cidade, à qual a criança pertencia. Vale ainda ressaltar que a professora deu ao menino uma responsabilidade, conscientizando-o de sua importância no processo de aprendizagem da sala, aumentando sua autoestima e permitindo que ele quebrasse a monotonia da aula, insuportável para um aluno inquieto. Sem entrar em conflito com a direção da escola, a mestra praticou um desvio da norma: driblou o sistema pedagógico vigente, redimensionando-o a seu favor, ao retirar o menino da sala, permitindo a ele “estar em outro lugar”: “Eu toda a vida achei que o Marcantônio queria sempre estar em outro lugar e por isso não sossegava (Prado, 2014, p. 12). Esse “estar em outro lugar” a que se refere a narradora, no tempo da enunciação, não seria uma ironia ao ramerrão escolar? Dona Matilde, na tática utilizada, percebeu que esse aluno era diferente dos demais e soube reaproveitar criativamente essa diferença.

Outro exemplo, ainda em *Carmela vai à escola*, pode ser observado na aula de religião, ministrada pela professora Maura Lopes. Numa época em que os alunos faziam cópias, decoravam tabuadas e se agarravam ao livro didático e aos objetos escolares, Dona Maura, rompendo com a inércia das aulas de religião, nem sempre valorizadas pelos alunos, tinha uma arte especial de fazer as crianças ficarem quietas, até mesmo os alunos mais difíceis:

A melhor lembrança da minha primeira escola é esta. Estava no terceiro ano e era dia de aula de religião, que já começava ótima. Dona Maura Lopes falava: podem guardar os objetos. Guardávamos com pressa e ficávamos na carteira como se fôssemos ver um teatro. Até os encapetados gostavam, pois não lembro de bagunça naquela hora. Dona Maura leu para nós aquele dia a estória sobre o rei Salomão e os lírios do campo (Prado, 2014, p. 20, grifos nossos).

O ato de guardar os objetos rompe com a monotonia escolar, e os alunos se sentem tão à vontade, como se estivessem em uma atividade recreativa. A mestra consegue atrair a atenção dos garotos desmotivados: “Até os encapetados gostavam, pois não lembro de bagunça naquela hora” (Prado, 2014, p. 20). Há nesse gesto um esvaziamento do ambiente cansativo da alfabetização em sala e uma outra proposta – lúdica – em que a aula é comparada a um teatro: “como se fôssemos ver um teatro” (Prado, 2014, p. 20). A voz da professora, na leitura que faz, vai criando imaginários cenários para os alunos, embalando-os através dos sons das palavras. Lendo o texto bíblico, Dona Matilde apela para que as crianças construam imagens do desapego, acenando para o discurso religioso e realçando a importância da providência divina que ampara o mais fraco. A simplicidade do gesto da professora quebra com a tensão das aulas e faz com que os garotos fiquem mais atentos à sua exposição oral, no caso, o comentário da passagem do Evangelho em que os lírios não trabalham nem fiam e, no entanto, nem Salomão se vestiu com um deles. Carentes de roupa e às vezes de afeto, os meninos e meninas se identificavam com o trecho bíblico. A professora, em sua intuição pedagógica, escolhe uma passagem da *Sagrada Escritura* que ensina o desapego, virtude familiar a algumas crianças pela própria realidade carente em que viviam. Ao solicitar que eles guardem os objetos, ela rompe com o engessado sistema da escola de seu tempo. Em lugar do grafocentrismo e da rigidez dos livros didáticos, ela opta pela oralidade, conseguindo, com sua voz, motivar os estudantes.

Esses dois livros de Adélia, ao retomarem algumas situações do cotidiano escolar, mostram também outras realidades que indiretamente têm ligação com o ato de ensinar e aprender. É importante ressaltar que essas duas obras tratam das memórias escolares de uma mulher na primeira metade do século XX, na década de quarenta. Nessas lembranças convém fazer algumas reflexões sobre a situação da mulher brasileira nesse período.

### 3.1. A MULHER NA ESCOLA

Ocupando papel secundário, numa sociedade patriarcal, a mulher era apenas uma sombra do homem. O trabalho intelectual que uma moça ou senhora de nível social mais alto exercia normalmente era o magistério. Uma das hipóteses da feminização do magistério, segundo alguns pesquisadores, é que ela ocorreu, na década de 30, com o processo de industrialização, que retirou a pouca mão de obra masculina escolar deslocando-a para o trabalho nas fábricas. A algumas mulheres de nível social mais baixo, nas metrópoles, restavam atividades mais pesadas. O caminho mais frequente da mulher interiorana da classe média era enclausurar-se na família, fazendo trabalhos manuais de costura, cozinha e cuidando dos filhos. Trabalhar fora era uma utopia.

Nas duas obras de Adélia Prado podemos notar algumas diferenças entre mãe e filha com relação à participação feminina nas tarefas sociais. No caso da mãe

de Carmela, percebemos claramente que ela teve uma educação centrada no modelo patriarcal, que colocava a mulher como mãe e esposa, voltada para os trabalhos domésticos e para a educação dos filhos. O único trabalho intelectual a que a mulher teve acesso nessa época foi o magistério, quase um prolongamento do espaço familiar. Segundo a mentalidade patriarcal da época, a instrução feminina podia ser uma fonte de maus exemplos:

Do ponto de vista dos higienistas, a independência da mulher não podia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens e ideias que reforçassem a imagem da mulher-mãe. Por isso, sua presença nas catedrais da ciência era intolerável. A mulher intelectual dava mau exemplo às outras mulheres (Costa, 1979, p. 260).

O título do primeiro livro usado pela protagonista, ao entrar para a escola, *Cartilha das Mães*, é bem sugestivo: “Meu primeiro livro chamava-se *Cartilha das Mães*. Minha mãe me ajudava de noite com o dever de casa e adorava o nome do livro” (Prado, 2014, p. 7). O título da obra já sugere o destino da mulher, o trabalho em casa. Assim, cabia à escola dar uma formação básica às futuras mães direcionando-as para princípios tais como formação moral, cidadania e moderação nas atitudes. Carmela consegue frequentar a escola e continuar sua instrução, o que não ocorre com sua mãe. Nota-se que a mãe da garota participa ativamente dos deveres da filha, ajudando-a nas atividades escolares. No entanto, seu comportamento é típico da mulher do século XIX: tímida, recatada, maternal. As qualidades requeridas pela mulher nesse período eram: “beleza, maternidade, ingenuidade, habilidade nas tarefas domésticas, doçura e sensibilidade” (Mota, 2016, p. 8), traços que constituíam o modelo da mulher na sociedade patriarcal e da qual não foge a mãe de Carmela, qualidades valorizadas na sociedade brasileira da década de quarenta, herdeira do modelo feminino europeu de comportamento no século XIX, como já salientamos. Em *Carmela vai à escola*, a mãe da protagonista a considera “saliente”: “Enquanto minha mãe foi viva, me xingou de menina *saliente*” (Prado, 2014, p. 17, grifo nosso).

Na verdade, a extroversão da filha, de algum modo, incomodava a mãe. Ser “saliente”, no contexto social da década de quarenta, para uma mulher interiorana e de pouca instrução, como a mãe de Carmela, era um defeito grave, que desafiava o recato. No fundo, a mãe de Carmela sentia orgulho dela e gostaria de estar em seu lugar, o que não ocorreu por ela pertencer a um outro momento histórico. Ela era criativa, curiosa e inteligente: “E ela adorava livros, uniforme e objetos de escola, achava estudar uma coisa chique toda vida” (Prado, 2012, p. 26). Infelizmente não teve a chance de estudar, porque segundo a mentalidade do pai, o Vovô da Horta, a mulher não precisava de instrução. Comentando sobre a mãe, afirma Carmela: “Desconfio que queria ser igual a mim, mas tinha vergonha, era filha do Vovô da Horta, que dizia para ela e para minhas tias: ‘As mulheres não

precisam estudar” (Prado, 2012, p. 26). O avô de Carmela vivia num período de transição dos costumes, época em que a mulher estava começando a sair do lar, ocupando outros papéis sociais. Vovô da Horta ainda estava preso à ordem patriarcal quando criou a mãe da protagonista. Já com a neta, ele muda de comportamento e até ajuda a garota na compra do material escolar: “Com certeza, vovô se arrependeu, porque, apesar de eu ser mulher, comprou tudo para eu ir para o ginásio, desde os sapatos e a pasta até a boina azul, que eu achava a parte mais linda do uniforme” (Prado, 2012, p. 26).

A situação de marginalização da mulher na sociedade patriarcal não está isolada. Ela está sintonizada com a indiferença das elites pela formação escolar integral e crítica da classe média. Quando havia, por parte da classe dominante, alguma iniciativa em aprimorar a educação, ela decorria de interesses econômicos e estava ligada a atividades imediatas. Esse “aprimoramento” da educação da classe média pelas elites pode ser comprovado em projetos que aparentemente promoviam a cidadania.

### 3.2. CAIXA ESCOLAR

A elitização da escola, na década de quarenta, ainda persistia, mas já se nota uma tímida tentativa das nossas camadas dominantes de propiciar uma “ascensão” a setores menos favorecidos. Evidentemente essa atitude não ocorria por mera generosidade, mas nascia da necessidade de uma mão de obra alfabetizada. Um bom exemplo disso é a Caixa Escolar. Em *Carmela vai à escola*, há uma frase que merece reflexão: “Da ‘Caixa Escolar’ eu não gostava. Todo aluno pobre demais era da ‘caixa’” (Prado, 2014, p. 25). A frase tem uma pitada de trágico e cômico, mas traz uma voz latente. Fazer parte da Caixa Escola era constrangedor. Nota-se, pela fala de Carmela, que havia certa discriminação por parte dos alunos de classe média em relação aos colegas paupérrimos, que dependiam da Caixa. A frase citada acena para a acentuada desigualdade na sociedade brasileira da época e o modo como as elites permitiam uma suposta “ascensão” das camadas menos favorecidas. Não podemos nos esquecer de que o projeto republicano brasileiro pretendia formar “cidadãos trabalhadores e patriotas legítimos”, e para isso, construiu mecanismos paternalistas na escola:

A análise investigativa do vínculo de um aluno com o Grupo Escolar através da Caixa se apresenta como uma maneira de verificarmos as estratégias lançadas pelos republicanos, com o objetivo não apenas de garantir a presença deste grupo social no âmbito da educação primária, mas de levar para dentro da escola a sociedade mineira. Os “alunos da Caixa” além de receberem os conteúdos formais previstos no programa, demonstravam para a sociedade que os republicanos mineiros possuíam valores que iam ao encontro das necessidades da cidade que abrigava o Grupo – instituição que deveria construir os futuros cidadãos de que a república

necessitava: cientes de seu papel no rumo progressista da história como cidadãos trabalhadores e patriotas legítimos (Carvalho; Bernardo, 2012, p. 156).

Na visão ideológica do projeto republicano, tem-se a impressão de que o aluno pobre estava recebendo um favor. As mesmas autoras citadas garantem que a Caixa Escolar era muito mais um ato de filantropia. Não se tratava de um financiamento do Estado, mas de uma iniciativa de um grupo social aparentemente interessado em construir valores de cidadania. Na verdade, o que havia era um projeto político: educar para o trabalho:

A Caixa Escolar vem sendo tratada como um mecanismo de financiamento da educação nos poucos registros bibliográficos que dedicaram seus esforços para elaborar um panorama histórico do financiamento da educação brasileira. Contudo, verificamos que os recursos direcionados para ela bem como as ações desenvolvidas em seu interior, mesmo amparados legalmente, se inserem em maior medida no âmbito da filantropia ou mesmo beneficência do que em qualquer outro. Não seria correto, portanto, considerá-la como um mecanismo de financiamento da educação. Para além do fato de que seus recursos não eram destinados aos alunos do Grupo Escolar, mas apenas aos alunos carentes, a questão ali posta se referia à frequência escolar, como dito acima, problema herdado do período imperial (Carvalho; Bernardo, 2012, p. 156).

Nesse sistema, ainda que filantrópico, às vezes era necessária certa astúcia dos menos favorecidos, para conseguir algum favor, como podemos perceber na tática utilizada pela mãe de Carmela:

Com certeza a esperta da minha mãe já tinha pensado no assunto e com muito jeito, sem eu perceber, vinha me ensinando o que responder naquela situação, pois falei na hora: *gostaria demais, mas tenho quatro irmãos e não temos dinheiro pra pagar estudo. Quando contei em casa, só vendo a cara de felicidade que a mãe fez!* (Prado, 2012, p. 26, grifo nosso).

No leve humor da passagem citada, nota-se uma tática de sobrevivência por parte da mãe de Carmela. Ao ensinar a filha a responder que tinha muitos irmãos, salta à vista a sua sagacidade. Sem condições de ver a menina prosseguir na escola, apela para a “caridade” do sistema social. A professora de Carmela pergunta se ela gostaria de continuar seus estudos, e a garota, orientada pela mãe, ressalta sua condição de carente, na expectativa de receber um favor dessa estrutura escolar.

#### 4. INTRATEXTUALIDADE

Importa ressaltar que resíduos do cotidiano recriados pela memória não estão presentes apenas nesses dois livros de Adélia para crianças. Cacos de lembranças presentes em *Quando eu era pequena* e *Carmela vai à escola* podem também ser encontrados em outras obras da autora.

Há no livro *Bagagem* títulos de poemas que remetem ao cotidiano, via memória, tais como “Mosaico”, “Para perpétua memória”, “Janela”, “Fragmento”, para ficarmos apenas em alguns. Encontramos com facilidade poemas em outros livros nessa mesma linha. Evidentemente não há, nas duas obras “infantis” de Adélia, uma mera colagem de textos de outros livros da autora, mas uma nova ressignificação desses trechos, possibilitando assim outras leituras que devem ser construídas a partir da intratextualidade adeliana.

Em *Cacos para um vitral* (Prado, 2006), há uma passagem em que a narradora se lembra do avô da horta jogando um jato de água no bumbum de Alberto, irmão de Glória: “Vovô, me limpa, Alberto se punha de quatro, o avô regulava o jato da mangueira se divertindo: pronto” (Prado, 2006, p. 76). Esse mesmo fragmento está presente na obra “infantil” *Quando eu era pequena*: “– Vovô me limpa. Põe as mãos no chão, Bertinho. Bertinho obedeceu e vovô ligou a mangueira com jato forte no bumbum do meu irmão” (Prado, 2012, p. 06). Ainda no primeiro livro infantil, encontramos o seguinte trecho:

Um dia estava no quintal vendo o sol bater nas flores de abóbora e só pelo cheiro adivinhei o que minha mãe cozinhava para o almoço: arroz, feijão roxinho e molho de batatinhas. Ela estava cantando e eu fiquei esquisita de tanta felicidade! (Prado, 2012, p. 22).

Esse excerto é praticamente uma transcrição/transcrição do poema *Solar*, de *O coração disparado*: “Minha mãe cozinhava exatamente/ Arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas./ Mas cantava” (Prado, 2006, p. 23).

Em *Carmela vai à escola*, deparamos com a seguinte passagem:

Ah, apareceu também por lá um livro ótimo que se chamava – que se chamava não, que se chama até hoje “coração”. Desconfiei que “coração” significava outra coisa e não era sobre coração, este *que dispara* quando a gente corre” (Prado, 2014, p. 14, grifo nosso).

Em outra passagem da mesma obra, a narradora afirma: “Com o *coração disparado* e a língua seca ia assim mesmo e falava sem errar” (p. 17, grifo nosso). Nesse trecho, salta à vista a expressão “coração disparado”, expressão que dá título

ao mesmo livro mencionado anteriormente, *O coração disparado*.

Acreditamos que seria mais conveniente entender essas retomadas de textos anteriores nas obras “infantis” a partir da relação entre memória e repetição. Recordar é repetir, mas de modo diferencial. Assim, a repetição de uma passagem de textos já publicados em outro contexto, no caso as obras “infantis”, tem outra significação não sendo, pois, mera cópia.

## 5. EPIFANIA

Em alguns poemas de memória de Adélia Prado, tanto nos “infantis” quanto nos da maturidade, seja em poesia seja em prosa, podemos encontrar cenas de epifania. O vocábulo “epifania”, inicialmente vivenciado no plano da experiência do sagrado, é frequente na teologia, mas acabou migrando para a literatura. Importa ressaltar que, no caso da literatura, a epifania deve ser estudada a partir da linguagem, tendo em vista elementos fonológicos, morfossintáticos, semânticos, além de outros recursos semióticos. Vale ressaltar que a experiência epifânica pode ser encontrada em diversos autores. Manuel Bandeira, por exemplo, um dos poetas prediletos de Adélia, deu nome a esse fenômeno de “alumbramento”.

Num estudo sobre a poesia de Adélia Prado, Antônio Hohlfeldt faz referência à epifania, ao afirmar que ela vai além da revelação da divindade:

Adélia Prado constitui um novo discurso absolutamente inédito em que o prazer da revelação não se circunscreve à personagem, mas é plenamente repartido com seus leitores... Mais do que a revelação exclusiva da divindade, a literatura de Adélia Prado termina – já que não lhe aspira explicitamente – por revelar o humano no mundo, a humanidade, enfim (Hohlfeldt, 2000, p. 114).

Em Adélia, a epifania está presente desde sua primeira obra, *Bagagem*, publicada em 1976. O poema que segue, que faz parte desse livro, tem como título *Epifania* e confirma o comentário de Hohlfeldt:

Você conversa com uma tia, num quarto.  
Ela frisa a saia com a unha do polegar e exclama:  
'Assim também, Deus me livre'.  
De repente acontece o tempo se mostrando,  
espesso como antes se podia fendê-lo aos oito anos.  
Uma destas coisas vai acontecer:  
um cachorro late,  
um menino chora ou grita,  
ou alguém chama do interior da casa:

‘O café está pronto’.  
 Aí, então, o gerúndio se recolhe  
 e você recomeça a existir (Prado, 1993 p. 104).

Nesse poema uma simples frase da tia – ‘Assim também, Deus me livre’ – funciona como um disparador da memória. A expressão “de repente” acena para uma espécie de flash, uma volta a um instante forte da infância. A intensidade dessa viagem ao passado é sugerida por duas palavras: o substantivo “tempo”, acompanhado da forma verbal no gerúndio “se mostrando”. O gerúndio acena para uma ação em curso, aumentando assim a intensidade do ato recordado, aos oito anos, reforçado pelo adjetivo “espesso”: “De repente acontece o tempo se mostrando/ espesso”. Esse tempo lembrado pelo eu lírico puxa outros instantes vigorosos, embaçados pela lembrança, através de momentos indefinidos, representados pela expressão “uma dessas coisas” e pelas orações coordenadas separadas pelas conjunções alternativas, “ou”, sugerindo embaçamento e fragmentação: “Uma destas coisas vai acontecer:/ um cachorro late,/ um menino chora *ou* grita,/ *ou* alguém chama do interior da casa:/ ‘O café está pronto’”. A intensidade desses cacos de memória é reforçada por verbos relacionados ao campo semântico da audição, presente nos vocábulos “late”, “chora”, “grita”, “chama”. O uso desses verbos conota uma gradação na lembrança. Inicialmente a lembrança vem embaçada através do artigo indefinido e do demonstrativo no plural (“*Uma dessas coisas*”). A vaga lembrança se insinua no artigo indefinido “um” na conjunção alternativa “ou” seguida do pronome indefinido “alguém” (“*um* menino chora *ou* grita *ou* alguém chama do interior da casa”), tornando-se mais nítida no verso: “o café está pronto”, colocado entre aspas no texto. No final do poema, o vocábulo “gerúndio” (“Aí então o gerúndio se recolhe”) retoma a forma verbal “se mostrando” do início do poema (“o tempo se mostrando”), sugerindo o final do ato epifânico e a volta ao tempo da enunciação através da forma verbal “se recolhe” e da expressão “recomeça a existir”: “Aí então, o gerúndio *se recolhe*/ e você *recomeça a existir*”.

Segundo Paula, a epifania em Adélia Prado se manifesta de diferentes formas: através da memória, das coisas, da poesia e do sagrado, sendo que essas subdivisões muitas vezes se misturam (Paula, 2004, p. 155-161).

A experiência da epifania religiosa se encontra também em *Carmela vai à escola*, num fragmento já citado anteriormente, quando a pequena aluna assiste à aula da professora de religião, que conta a passagem em que Jesus faz referência aos lírios dos campos, que têm vestes mais bonitas do que o rei Salomão: “Puxa vida! Me brotou uma alegria tão grande que só fiquei sentindo, sentindo, sentindo aquela beleza escondida que aparecia para mim como um tesouro que seria meu para sempre” (Prado, 2014, p. 20). No trecho citado, percebermos o momento epifânico através da repetição da forma verbal “sentindo”, da expressão “Puxa vida!”, seguida de exclamação, da expressão “beleza escondida”, comparada a um tesouro encontrado “para sempre”.

No poema “Epifania”, do livro *Bagagem*, citado anteriormente, temos uma epifania profana, resgatando um fragmento de memória da infância: um simples gesto da tia, ao frisar a saia, leva o eu poético a lembranças dos oito anos. Já no trecho citado, de *Carmela vai à escola*, estamos diante de uma epifania religiosa: a descoberta da divindade. Se no poema Epifania, de *Bagagem*, “o gerúndio se recolhe”, isto é, o passado cede lugar ao presente da enunciação, no texto infantil citado, a experiência com o sagrado é tão forte que aponta para o futuro, como um “tesouro para sempre”.

É possível ainda encontrar, nos textos “infantis” de Adélia, esboços de uma epifania poética (metalinguagem), principalmente em passagens em que a narradora descobre a força das palavras, ora tropeçando nos seus possíveis significados, ora se deliciando com a sonoridade dos nomes. Em *Quando eu era pequena*, há uma estreita ligação entre a vivência de um momento epifânico e a descoberta da poesia, que não é só significado, mas supõe um gozo do significante:

À noite quando fui dormir, no escuro do quarto, fiquei lembrando das flores de abóbora no sol, e elas pareciam lâmpadas. Senti uma coisa tão boa no corpo e no coração que fiquei falando debaixo do cobertor: *Zique boca taca rica/ Sede limpa corcorica./ Quando fiquei adulta descobri uma coisa: aquela língua esquisita que eu inventei se chama poesia* (Prado, 2012, p. 23, grifo nosso).

Nesse trecho, a epifania se manifesta na lembrança de uma forte vivência, marcada pelo brilho do sol nas flores de abóboras, que conduz a “uma coisa boa no corpo”. Esse momento é tão intenso que não há palavras para expressá-lo, mas apenas significantes. A utilização de palavras sem nexos remete à descoberta da poesia e de sua marca singular: a opacidade. Em outros termos, as palavras não significam, mas trazem um prazer ao pronunciá-las, como a criança no começo da fala em suas lalações.

Não só a língua esquisita e inventada se chama poesia, segundo a narradora, mas até o próprio nome da protagonista – Carmela – tem uma ligação com o poético. Em latim, poesia se traduz por *carmen* e significa “canção”, “verso”, “poesia”. Dessa mesma raiz, surgiu o vocábulo *carmo*, que tem o sentido de “vinha de Deus”, “pomar”, “jardim”. Assim, os poemas religiosos de Adélia são também vinha de palavras. Poesia e religião, segundo Octavio Paz, na esteira do poeta espanhol Antônio Machado, “são tentativas de abraçar essa ‘outridade’ ou a “essencial heterogeneidade do ser” (Paz, 1982, p. 166).

Em entrevista aos *Cadernos de Literatura Brasileira* (2000), Adélia Prado confirma ter sido influenciada pela obra de vários escritores, dentre eles, Santa Teresa d’Ávila. Ao saber dessa proximidade entre as obras das duas escritoras e sabendo-se que Santa Teresa era uma freira, responsável pela reforma da Ordem dos Carmelitas, há que se considerar a escolha do nome da personagem Carmela. No início

do primeiro livro infantil, ela se apresenta da seguinte forma: “Eu me chamo Carmela. É um nome que não se usa mais, um nome antigo. [...] Queria muito me chamar Ângela ou Lucinha. Lucinha quer dizer luz pequenina. Não é lindo?” (Prado, 2012, p. 5).

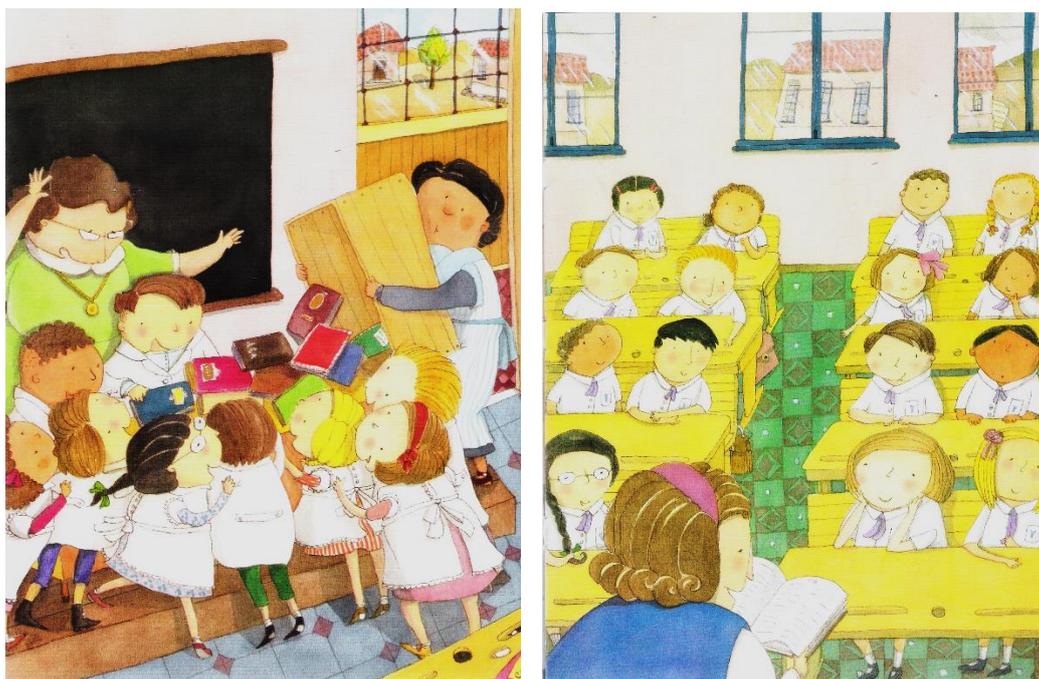
O nome da personagem – Carmela – remete a Santa Teresa D’Ávila, fundadora da ordem carmelita e conhecida por seus êxtases, marcados pela fusão do místico com o erótico. Essa fusão é frequente na poesia de Adélia, como já apontou a pesquisadora Rita de Cássia Olivieri:

No universo poético adeliano, o absoluto é desentranhado do real. A autora vivencia a experiência poética como um momento de epifania. A criação poética realiza-se buscando apreender esses raros instantes de revelação nos quais resgata-se o sentido de totalidade dos planos multifacetados do real. [...]. A palavra poética de Adélia nos faz descobrir a dimensão sagrada do erotismo e a dimensão erótica da religiosidade, ambas esquecidas, praticamente apagadas da memória do homem moderno (Olivieri, 1994, p. 314).

Carmela é uma criança que, assim como pregava Santa Teresa d’Ávila, possui uma visão sagrada e poética do mundo, enxergando Deus em forma de poesia nas pequenas coisas e situações do cotidiano. É bem possível que a epifania, nos poemas religiosos de Adélia, tenha sintonia com a espiritualidade da ordem carmelita, plasmada na fé, na oração, no trabalho, no encontro com Deus através do miúdo cotidiano.

## 6. ILUSTRAÇÕES

Nos dois livros “infantis” de Adélia, tanto os momentos da memória escolar quanto os instantes epifânicos, podem também ser percebidos nas ilustrações de Elizabeth Teixeira. Sabemos que o ato de recordar está associado à visualização, como já apontava Walter Benjamin (Benjamin [1892-1940], 1994, p. 48). As ilustrações de Teixeira recriam o cotidiano escolar da década de 40: as pastas dos alunos, o uniforme, as roupas usadas pelas professoras, o *design* das carteiras, o quadro-negro, todos esses elementos revitalizam o texto escrito, produzindo às vezes um leve humor. Veja, por exemplo, a saborosa ilustração da página 11, do livro *Carmela vai à escola*. O desenho mostra o estonteamento da professora Dona Matilde, quando acompanhava a servente na retirada dos livros da caixa, na aula de leitura. A ilustração de Teixeira enriquece o texto escrito: a boca aberta da mestra, seus braços soltos dão um leve toque de caricatura da professora, já idosa, em contraste com a vitalidade dos meninos, embevecidos com os livros que não conheciam. Já na página 21, contemplamos a imagem epifânica da professora Maura lendo a passagem dos lírios do campo, provocando o encantamento dos alunos.



Ilustrações de Elizabeth Teixeira para o livro *Carmela vai à escola*, de Adélia Prado (2014)

Epifania, religiosidade, sedução pela poesia, presença do cotidiano, olhar “infantil” e poético – ver como se fosse pela primeira vez – na percepção do mundo, a situação da mulher brasileira tentando se instruir, na década de quarenta, enfim, há vários fios que já se esboçam nesses dois livros dedicados às crianças e que se estendem por toda a obra de Adélia Prado, funcionando como pontos estratégicos para a leitura do hipertexto da escritora mineira. A própria autora, em um fragmento de entrevista, em capa do livro *O coração disparado* (2006), afirma que escrever para o adulto e para a criança corresponde a um mesmo processo com proporções diferentes: “Escrever para criança [...] é a mesma diferença entre um vestido para uma velha senhora e para uma menina, feitos do mesmo pano. Os tamanhos são diferentes, mas o corte e a costura exigem o mesmo cuidado” (Prado, 2006).

Na linha do pensamento benjaminiano, pode-se dizer que essas memórias de infância de Adélia, ao descreverem os pequenos fatos do cotidiano de Divinópolis sintonizando-os com os grandes, como a Segunda Guerra, época em que se deu a infância da narradora-autora, não são meras recordações individuais do passado, mas uma atualização deles no presente. Como afirma Benjamin, “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (Benjamin, 1994, p. 222-232).

Nesses dois textos de Adélia para crianças, o não realizado, o esquecido, ao ser reinventado pela escrita, pode abrir uma clareira para um novo olhar histórico

sobre a escola de hoje ou sobre o nosso cotidiano, uma espécie de “lembrança do futuro”, “um tempo saturado de ‘agoras’”, abrindo uma outra perspectiva do que passou, como propõe o filósofo alemão.

#### REFERÊNCIAS

- Andrade, Carlos Drummond de. *Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v. 1).
- Bosi, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- Carvalho, Rosana Areal de; Bernardo, Fabiana de Oliveira. *Caixa escolar: instituto inestimável para execução do projeto da educação primária*. Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <[www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-061.pdf](http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-061.pdf)>. Acesso em 5 maio 2017.
- Clark, Ana Maria. *Literatura infanto-juvenil: para que fazer?* in: *Suplemento da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais*. n. 1306, Belo Horizonte, out. 2007.
- Costa, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- Duarte, Leila Parreira. *Literatura infantil e humor: o exemplo de Bartolomeu Campos de Queirós*, in: *Suplemento da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais*, n. 1306, Belo Horizonte, out., 2007.
- Hohlfeldt, Antonio “A epifania da condição feminina”, in: *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, n. 9, junho 2000
- Mota, Maria Aparecida dos Santos. *A imagem da mulher e a política do gênero no cenário político brasileiro*. Santa Catarina, 2016. Disponível em: <[linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem](http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem)>. Acesso em: 10 maio 2017.
- Olivieri, Rita de Cássia da Silva. *Mística e erotismo na poesia de Adélia Prado*. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1994.
- Paula, Maria do Carmo Lara de. *O percurso da epifania na poética de Adélia Prado*, *Em tese*, 8 (2004): 153-162.
- Paz, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- Prado, Adélia. *Bagagem*. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Carmela vai à escola*. 4 ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Quando eu era pequena*. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Cacos para um vitral*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Cadernos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2000, vol. 9.
- \_\_\_\_\_. *O coração disparado*. São Paulo: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. *Entrevista com a escritora Adélia Prado*. Disponível em: <http://revistae-poca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1181964-1655,00.html>. Entrevista a Guilherme Ravache. Edição 414 - 24/04/06. Acesso em: 23 nov. 2016

\_\_\_\_\_. *Adélia Prado festeja seus oitenta anos com 'Poesia Reunida'*. Disponível em: Estadão: entrevista concedida a Ubiratan Brasil em 12.12.2015. Acesso em: 23 nov. 2016.

ARTIGO RECEBIDO EM 10/03/2018; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 26/05/2018

**RESUMO:** O artigo pretende desenvolver algumas reflexões sobre duas obras de Adélia Prado, *Quando eu era pequena* e *Carmela vai à escola*. Esses dois textos, destinados a crianças, retratam o cotidiano de uma menina vivendo no interior mineiro. No bojo dessas vivências, apresentamos reflexões sobre alguns temas tais como o papel da memória, marcada pelo inacabamento e pela reinvenção ficcional do passado, a descoberta da poesia, a reclusão feminina e a entrada da mulher em outros espaços, como a escola e o trabalho, na década de quarenta, bem como o cotidiano escolar e familiar vivenciado pela protagonista no contexto socioeconômico e político do século passado. Destaca-se ainda a presença de fragmentos poéticos nos textos “infantis” de Adélia que dialogam com outras obras da autora, evidenciando o papel da memória como repetição recriadora. Em Adélia a literatura é concebida como um gesto espontâneo, em que o livro a convoca para a escrita. Dessa forma, para a escritora, escrever para crianças e para adultos envolve um mesmo processo: “Os tamanhos são diferentes, mas o corte e a costura exigem o mesmo cuidado”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infantil. Cotidiano escolar. Memória.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to reflect on two novels written by Adélia Prado, *Quando eu era pequena* and *Carmela vai à escola*. These two texts, written for children, depict the daily life of a girl who lives in an inland town in Minas Gerais. Within this context, this paper will delve into themes such as the role played by memory, marked by the unfinishedness and fictional reinvention of the past and the entry of the woman into the school and into the workplace, in the 1940s, as well as the main character’s routine at school and at home within the socio-economic and political context of the last century. This paper will also discuss how the poetic verses in Adelia Prado’s novels for children engage in dialogue with other works by the author, highlighting the role played by memory as a recreating repetition. For Adelia, literature is conceived as a spontaneous movement, by which the book compels her to write. Therefore, for the writer, whether she is writing for children or adults, the process is the same: “The sizes are different but cutting and sewing demand he same attention”.

**KEYWORDS:** Children’s literature. Everyday school life. Memory.